

***Preparatório para o ENEM x Ensino emancipador: investigação a partir do
contexto Fênix***

Any Caroliny de Abreu Ramos

Os escritos que seguem trazem a forma com que concebo um ensino de História que seja emancipador aos educandos e os desafios com os quais me defrontei ao longo dessa caminhada. Irá se notar ao longo dessas páginas a minha identidade e subjetividade construída durante minha vida: filha mais velha de três irmãs, criada somente pela mãe, de classe média baixa, que enfrenta vários obstáculos para poder se manter dentro de uma das tantas universidades que, mesmo após todos os direitos conquistados nas políticas públicas, não deseja a filha ou filho dos trabalhadores dentro de seus muros.

Sou de uma cidade do interior de São Paulo e vim para o Rio Grande do Sul em 2014 após ser aprovada no vestibular através do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Comecei a jornada no ensino superior no curso de História Bacharelado onde permaneci até o segundo semestre de 2016 e depois optei por não terminar essa graduação, mas sim ingressar novamente para o curso de História Licenciatura. Essa mudança se deu após uma longa reflexão sobre o que eu queria para o meu futuro e o modo com que passei a olhar para os problemas sociopolíticos do Brasil. Esses pontos foram desencadeados durante o meu envolvimento com o Movimento Estudantil da Furg através do “Centro Acadêmico dos Cursos de História Angelina Gonçalves”, “Coletivo Resistir” que também se articula dentro da universidade e a militância na Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL), movimento de oposição à União Nacional dos Estudantes (UNE).

Assim, não conseguindo identificar dentro do Bacharelado aspectos que contemplassem meus anseios de mudança social decidi mudar para a modalidade da licenciatura através do Edital de Vagas Ociosas, por acreditar que estando inserindo na área da Educação de forma efetiva seria possível sanar minha inquietação quanto ao cumprimento do papel social de um profissional da área da História. Logo após essa migração me envolvi com a Educação Popular dentro do Programa de Auxílio ao Ingresso aos Ensinos Técnico e Superior-PAIETS e passei a lecionar a disciplina de História no Contexto Fênix no início de 2017.

Preparatório Fênix e Cirandar: dois saberes que se cruzaram

Pensando no que trilhei dentro da universidade minha investigação centraliza-se no ensino de História no pré-universitário popular Fênix direcionada à prova do Enem, vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS. Importante salientar que atuei enquanto professora voluntária com mais três educadores do curso de História Licenciatura. Essa trajetória no PAIETS se concluiu em novembro, uma semana antes da prova do ENEM.

Sempre tive uma visão romântica da rotina de sala de aula bem como da área de conhecimento das ciências humanas. Ingenuamente imaginei que fosse fácil se conectar a realidade de cada aluno e lhe trazer a proposta que imagino ser a ideal para determinada aula. Então, a partir da leitura do livro de Selva Guimarães “Didática e Prática do Ensino de História” fui apresentada a duas premissas de se ensinar a História: para os historiadores e esses por sua vez aos educandos. Aos primeiros cabe pensar a disciplina enquanto fundamental, educativa, formativa e, principalmente, emancipadora. Além de ter consciência de que o debate sobre os significados de aprender e ensinar processa-se sempre no interior de lutas políticas e culturais.

Esses aspectos citados são totalmente vinculados à educação popular, pois nos traz a questão do desenvolvimento de um olhar crítico, o diálogo e participação comunitária, além da formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã. Seguindo esse raciocínio penso em relacionar “história” diretamente ao conceito de “conhecimento”. E conhecimento pra quê, sobre o quê? Após uma longa reflexão cheguei ao ponto de ser um conhecimento sobre a própria vida, ou melhor, conhecimento sobre uma parte da nossa vida. Aprender história é conhecer a si mesmo.

As propostas de metodologias de ensino de História que valorizam a problematização, a análise e a crítica e a realidade concebem alunos e professores como sujeitos produtores de história e conhecimento, logo, são sujeitos históricos que cotidianamente lutam e atuam em diversos espaços de vivência. Por isso trago esses questionamentos que norteiam a investigação: como transformar essas palavras que são concebidas facilmente em ações se tratando de uma educação emancipadora? Como fazer isso quando se tenta equilibrar conteúdos obrigatórios de uma prova decisiva para muito dos alunos?

Uma frase que me incentiva e ao mesmo tempo me deixa inquieta em meio a todos esses questionamentos e (des)caminhos dentro da licenciatura é do Paulo Freire “quem ensina

aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”, que demonstra para mim, a perfeita harmonia que se espera dentro do espaço de ensino. Entendo que trazer problematizações e questionamentos para a sala de aula como forma de ensino emancipador é papel de todo educador, não só daquele formado em História. Claramente nossa disciplina é uma das que mais se tem espaço para acomodar essas questões junto ao conteúdo, que por si só já pedem esse tipo de abordagem.

E quando tentamos trazer essa faceta problematizadora da História é corriqueiro nos depararmos com afirmações “na ditadura só foi preso quem merecia”, “não existe racismo no Brasil” e “lugar de mulher é em casa mesmo”. Ao nos confrontarmos com essas situações é interessante desconstruir a ideia juntamente com os alunos, esmiuçar de onde vem e como se chegou a essa concepção. Dependendo de como a turma irá reagir o professor passa a ser somente mais um colaborador do diálogo que irá se desenrolar, guiando o debate para um terreno fértil.

Segundo Valdeir Araújo e Mateus Pereira vivemos em uma era em que o tempo histórico encontra-se imbuído de questões políticas e ideológicas que compõe um arcabouço gigantesco de possibilidades de percepção da temporalidade. Uma delas é chamada de presentismo, na qual o presente torna-se o momento em que tudo se dá: o passado já não se ensina mais nada e o futuro é sempre catastrófico. Isso é sintomático nas escolas quanto ao ensino de História, o que dificulta a assimilação da disciplina. Para isso é necessário o rigor do educador no planejamento de sua aula estando preparado teoricamente para lidar com esse tipo de situação, além de montar roteiros que atendam as especificidades da turma e que contemple suas próprias vivências.

Por exemplo, em minha investigação concebi que no mínimo 60% da turma do preparatório Fênix é formada por mulheres negras. E é próprio da historiografia não situar esses atores nos conteúdos trabalhados em sala de aula além da questão da escravidão, assim elas não se sentiam representadas pelos temas trabalhados e o pouco que viam eram as pessoas negras em situação de desumanização.

Dialogando com o que me proponho a partir do Cirandar e da reflexão de minha prática professora-pesquisadora foram articuladas aulas que denominamos como temáticas especiais aos sábados, em que gozávamos de melhor estrutura e de maior tempo de aula. Dentre elas foi mapeada uma aula sobre História das Mulheres e Feminismo, que contou além de mim com mais três professoras que pesquisam a área de gênero, sendo uma delas historiadora negra formada pela Furg, contemplando a fala do

movimento das mulheres negras e sua historicidade. Fico feliz em relatar que a aula excedeu o tempo mínimo de três horas e se prolongou quase uma hora a mais do esperado, com a participação ativa dos educandos e educandas.

Naquela manhã nos trouxeram suas próprias experiências enquanto jovens negras inseridas num contexto de vulnerabilidade socioeconômica, se identificaram com as lutas das mulheres na contemporaneidade e puderam tecer em torno do conteúdo a sua própria história. O entusiasmo com o tema ao se verem finalmente não mais sob a óptica do Brasil Colonial e escravidão, mas sim como indivíduos que ocupam espaços de poder e da intelectualidade foi energizante.

A partir disso pude constituir um pouco mais o que seria o ensino de história emancipador e vê-lo na prática. É mais do que estimular a criticidade e capacidade de análise, é falar sobre ética e direitos humanos, relações de gênero e fazer com que aqueles que estão comigo em sala de aula se sintam contemplados no conteúdo em que ensino. Para isso foi necessário resgatar as primeiras aulas que temos na Licenciatura, em que o professor ou professora nos alerta: “ninguém é esvaziado de conhecimento, temos a nossa própria bagagem e com seus alunos isso não é diferente”. Quando finalmente internalizamos isso e agimos com empatia conseguimos dar uma boa aula. E uma boa aula de história é uma voz que ecoa.

Essa voz ecoou no sentido de que a partir daquela manhã de sábado conseguimos fluir melhor o diálogo em nossos encontros regulares, me encontrei mais próxima de meus alunos e com um olhar mais sensível para suas dificuldades em relação ao conteúdo. Aperfeiçoei a metodologia, mudei termos utilizados e tracei estratégias didático-pedagógicas que fossem mais efetivas. Pude perceber a deficiência de minha prática e reformulá-la conceituando e globalizando os temas trabalhados. Dialogando com Morin:

[...] o conhecimento torna-se pertinente quando é capaz de situar toda a informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global que se insere. [...] principalmente, não por sofisticação, formalização e abstração, mas pela capacidade de conceitualizar e globalizar. (2010, p.21)

Essas práticas se concretizam numa aula horizontal onde a organização do espaço também faz a diferença, pois pode chancelar ou refutar uma proposta pedagógica. O modelo das cadeiras enfileiradas aponta para uma educação centralizada no professor, que o coloca na posição de detentor do conhecimento e direciona todos os olhos e corpos a ele. Quando se considera a alteração dessa dinâmica da sala propondo a organização das cadeiras em U ou roda, já induz ao pensamento de uma aula diferenciada. Esse tipo de organização se aproxima mais das propostas educativas dialógicas, sobretudo as que

entendem o professor como mediador da aprendizagem. Nela, o docente deixa seu lugar de destaque e passa a compor com o grupo dos estudantes. Isso desenvolve a segurança da turma, promove uma educação participativa, pode melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula e as conversas paralelas.

Quanto as prática metodológicas pensadas a partir desse experimento estão o uso de fontes primárias, bem como a utilização de músicas e memes como centro irradiador nas aulas. Trazendo a experiência vivenciada em sua vida cotidiana para a sala, reforçando os laços com a turma e contribuindo cada vez mais com o ensino emancipador, independente, libertador. Abrindo caminho para o empoderamento, passar a ter domínio sobre sua própria vida e consciência do lugar que ocupam dentro da sociedade e mudar essa realidade.